

# 1 Introdução

O conceito de família vem passando por diversas reformulações na contemporaneidade. O modelo tradicional nuclear – composto por pai, mãe e filhos – não é mais o principal arranjo das conformações familiares atuais. Estas transformações estão relacionadas a mudanças sociais, culturais e econômicas que ocorrem desde a modernidade, como os processos de industrialização, a entrada da mulher no mercado de trabalho, as mudanças nas relações de gênero, assim como o aumento do número de separações, divórcios e adoções. Neste contexto, os papéis parentais são ressignificados, extrapolando os sentidos e as funções que anteriormente definiam o que era ser pai ou mãe. Porém, é importante ressaltar que, junto com as novas concepções, ainda coexistem as antigas.

As mudanças sociais e demográficas citadas anteriormente criaram novas mentalidades no que diz respeito à família e ao casamento. Estas novas formas de pensar, por sua vez, geraram uma revolução nos valores, nas normas da sociedade e nos papéis sexuais (JABLONSKI, 1998). Tais transformações tiveram impacto na constituição moderna da identidade masculina e no exercício da função de pai. Nos últimos anos, os estudos sobre a constituição da identidade masculina, como os realizados por Nolasco (1995) e Silva (2000) têm apontado para uma crise da masculinidade iniciada na modernidade. Arilha, Unbehaum e Medrado (1998), bem como Bustamante (2005), entendem que os estudos que enfocam a paternidade e a participação masculina no cuidado com os filhos ainda são reduzidos.

A crise que se iniciou na modernidade diz respeito à masculinidade, no entanto, também repercute nas formas como os homens exercem a sua paternidade. Ser homem estava intimamente relacionado a uma identificação com as imagens de macho ou patriarca. Na atualidade, os homens costumam apresentar dificuldades em se situar nos espaços públicos e privados. Conforme eles se defrontam com a indefinição dos papéis que anteriormente eram pré-determinados pela ordem estabelecida, altera-se a maneira como constroem as modalidades de compreensão e exercício de suas identidades, especialmente a paternidade. A partir da modernidade, estas identidades passaram por uma série de mutações: o lugar do pai, que antes era rigidamente concentrado na função de provedor e

detentor do poder no contexto familiar, passa a ser múltiplo, apontando para uma possível relatividade da eficácia das estruturas patriarcais. Esse fenômeno propiciou o surgimento de novas identidades masculinas menos polarizadas, passíveis de manifestarem os aspectos femininos afastados da psique masculina desde a instauração do modelo patriarcal.

Diversos autores (DESSEN e LEWIS, 1998; BALANCHO, 2004; SOUZA e BENETTI, 2009), ao estudar a paternidade, acreditam ser relevante considerar o contexto mais amplo no qual está inserido o pai, seja a família, a sociedade e/ou a cultura. Além disso, também é destacada a importância do uso de perspectivas multidisciplinares para um melhor entendimento desta complexa figura e de suas intrincadas relações com os demais membros da família e da sociedade mais ampla. Em um levantamento acerca da literatura acadêmica sobre o tema da paternidade, Souza e Benetti (2009) salientam que a pluralidade de temáticas associadas à paternidade demonstra a complexidade dos aspectos que norteiam o envolvimento dos homens com seus filhos. Os estudos por eles analisados foram unânimes em reconhecer a importância do envolvimento e da participação masculina nos cuidados infantis na contemporaneidade.

De acordo com Zoja (2005), o pai se origina no limite entre a natureza e a cultura e só pode surgir na civilização pelo abandono de um estado mais primordial, animal, ao qual os homens estavam submetidos. A compreensão do homem como pai só foi possível com o aumento da capacidade de raciocínio ao longo do desenvolvimento da espécie humana. O pai é uma construção que precisa ter intencionalidade, vontade, autoimposição e ser programada. A paternidade precisa ser construída e descoberta não apenas no ato do nascimento, mas ao longo da vida na relação que irá se estabelecer entre pai e filho.

Em nossa investigação, utilizaremos o aporte teórico da Psicologia Analítica introduzida por Carl Jung. Esta concepção defende a existência dos arquétipos, que são moldes psíquicos que abarcam as experiências vividas pela humanidade desde os seus primórdios. Apresentaremos com maior ênfase os arquétipos que se referem ao masculino, porém, torna-se fundamental fazer alguns contrapontos com os arquétipos femininos, por sua inter-relação. Estes dois arquétipos podem apresentar-se de diferentes formas, influenciando o comportamento dos indivíduos ou mesmo de sociedades inteiras. Seguindo as pistas deixadas por Jung, outros autores propuseram uma diversidade de entendimentos sobre estes

arquétipos e suas manifestações. Dentre estes, podemos destacar Zoja (2005), Faria (2003), Colman e Colman (1990) e Moore e Gillette (1993).

Notamos que dois dos arquétipos mais importantes para o início do desenvolvimento humano e para o processo de formação do ego são os arquétipos da Grande Mãe e do Pai. O arquétipo do Pai está incluído em um grupo de arquétipos masculinos que abarcam, por exemplo, o animus, o Velho Sábio, o herói e o Trickster. Desta forma, é importante destacar que os arquétipos masculinos muitas vezes se confundem com o arquétipo do pai. Nas propostas teóricas de autores pós-junguianos, existem variadas formulações sobre a temática destes arquétipos, sendo ora considerados separadamente, ora em conjunto, como se fossem apenas um. Além disso, comumente são considerados como opositivos e complementares aos arquétipos femininos.

De forma similar aos arquétipos, os conceitos de masculino e o feminino estão inter-relacionados. Como assinalamos acima, há uma complementaridade entre ambos e, ao mesmo tempo, uma forte oposição. Esta ambivalência implica um entrecruzamento que impossibilita que se trabalhe com um dos conceitos sem fazer o devido contraponto com o outro. Assim sendo, masculino e feminino se entrelaçam, o que é algo revelador, pois evidencia a possível conjugação entre a paternidade e a maternidade.

Na construção da obra de Jung, percebemos a constante presença dos aspectos masculinos e femininos da psique. Além dos conceitos de anima e animus, o autor apresenta uma série de interpretações embasadas na mitologia, como o *hierós gamos* (casamento sagrado) e a *sizígia* (motivo da conjugação). Também merecem destaque os estudos dos manuscritos alquímicos, a partir dos quais Jung problematiza a *coniunctio* (conjunção dos opostos) que, em diversas de suas representações, caracterizam o masculino e o feminino como as imagens de Sol e Lua, Rei e Rainha, para citar alguns exemplos.

Entendemos que o feminino, em sua essência, representa algo de primordial, estando ligado ao estado inconsciente. Portanto, o feminino e o inconsciente são anteriores e dão origem à consciência. Comumente, o masculino é associado ao estado de consciência, estando contido no inconsciente, ao mesmo tempo em que se opõe a ele. Assim como o feminino fica vinculado ao inconsciente e o masculino ao consciente, também ficam o materno e o paterno, que são respectivamente referidos a estas duas instâncias. O poder da inconsciência

feminina/materna e seus mistérios provocaram medo nos homens que não os compreendiam. Por isso, ocorre uma reação, em que cabe ao pai organizar em alguma medida a inconsciência materna. Essas serão algumas chaves de leitura que nos permitirão adentrar no tema da emergência da função da paternidade na época moderna nesta dissertação.

O arquétipo do pai em comparação com o arquétipo da mãe foi menos trabalhado no decorrer da obra junguiana. Os escritos sobre este tópico estão dispersos em alguns artigos, principalmente nos trabalhos sobre o desenvolvimento da criança e sobre o imaginário alquímico. Essa menor atenção dispensada a uma formalização mais específica ao arquétipo do pai, não diminui a importância dos arquétipos masculinos para Jung. Em seus textos, ele privilegiou especialmente os arquétipos do herói e do Velho Sábio, que estão intimamente relacionados com o lado positivo do arquétipo paterno (HOPCKE, 2011).

Em vista dessas considerações preliminares, buscaremos compreender quais aspectos do arquétipo paterno se encontram ativos no pai da atualidade. Antes mesmo de existir a figura concreta e humana do pai, a ideia de pai já estava presente no inconsciente coletivo. A tomada de consciência da paternidade foi um longo processo que acompanhou o desenvolvimento psíquico da humanidade. De certa maneira, havia um pai abstrato já operante, o que pode ser observado pela organização e pelo funcionamento de algumas civilizações antigas.

Ao longo do desenvolvimento da humanidade, muitas imagens foram usadas para ilustrar o que era considerado o ideal de homem e de pai em um dado momento histórico, o mesmo acontecendo para o feminino e para a mãe. As primeiras formas de representações humanas de que temos conhecimento foram as pinturas rupestres e as esculturas pré-históricas. Seu significado ainda paira no desconhecimento, mas especula-se que muitas dessas esculturas representam figuras femininas e cenas de parto, estas últimas remetendo então a mãe. Pouco se tem sobre a figura masculina deste período, a maioria dos desenhos envolvendo homens representava cenas de caçadas. Em seguida, com a maior capacidade intelectual desenvolvida pelo ser humano, surgem histórias mais elaboradas que foram transmitidas oralmente e modificadas ao longo de muitas gerações: os mitos. Dessas primeiras manifestações culturais acerca da paternidade elucidadas pela mitologia, visamos apreender uma espécie de genealogia dos traços que

atravessaram as funções da paternidade e da maternidade ao longo do tempo, bem como os pontos de ruptura e continuidade observados na atualidade.

No entendimento da Psicologia Junguiana, os mitos estão intimamente relacionados aos arquétipos, ao passo que representam situações e personagens tipicamente humanos. Jung chega a incorporar o termo mitologema para designar os núcleos míticos que se repetem na experiência humana. Através do estudo dos mitos, podemos compreender a estrutura dos seres humanos do passado e do presente. Em muitas das narrativas míticas, são mostrados os papéis femininos, masculinos e suas nuances. Os deuses e deusas primordiais com suas proles estão envolvidos em diversas alegorias que procuram explicar as origens das pessoas e do mundo e suas inter-relações. Observamos que os temas dos relacionamentos familiares, paternidade e maternidade ganham destaque na maior parte dos grupos míticos.

Segundo Faria (2003), existem duas formas de se pensar a paternidade e a masculinidade através do embasamento junguiano. A primeira corrente propõe o retorno ao masculino original e arquetípico, destacando que masculino e feminino possuem dois modos de ser inteiramente diferentes. Segundo este modelo, a paternidade é uma tarefa a ser realizada por homens adultos que não tem contato somente simbólico com os filhos, mas também corporal e energético. O homem americano teria se constituído a partir de um referenciamento feminista, cuja consequência foi torna-lo mais doce e suave devido à absorção de muitos aspectos femininos em sua identidade. Portanto, essa primeira leitura alerta para a importância do resgate da presença do masculino adulto na formação dos filhos.

Por sua vez, de acordo com uma segunda corrente, a masculinidade estaria buscando novas formas de expressão distintas daquelas estabelecidas pelos modelos patriarcais. Considera-se que o novo masculino não deve retroceder para o machismo e sim ser vivificado pelo feminino. Este segundo modelo postula a evitação da dominância do pai arquetípico em seu aspecto destrutivo, vinculado à extrema autoridade, cujo efeito último seria o de paralisar as relações. É preciso fazer uso do “Espírito do Pai” que, na psique, é o princípio masculino adulto, de caráter positivo. Defende-se que este princípio precisa estar conectado ao filho, de modo que favoreça uma integração entre ambos os aspectos, respectivamente a autoridade e a criatividade.

Como desdobramento dessas formulações que acabamos de sintetizar, propomos, neste trabalho, uma investigação sobre o conceito de paternidade e seu exercício nos dias atuais. Ao pai pós-moderno são atribuídos valores diferenciados em relação àqueles atribuídos ao pai da modernidade, aspectos estes muitas vezes entendidos como femininos. Na perspectiva da Psicologia Analítica, a persona seria a forma como o indivíduo se apresenta socialmente no exercício de uma determinada função ou atividade. Já a sombra é uma parte desconhecida da personalidade, cujos aspectos estão muitas vezes inconscientes e necessitam ser integrados. Buscaremos circunscrever quais características estão presentes nas personas e nas sombras tanto do pai moderno quanto do pai pós-moderno. Nosso questionamento incide sobre a possível ocorrência de uma inversão dos aspectos da sombra e da persona entre ambos. Ou seja: se os aspectos que ficavam na sombra do pai da modernidade estão agora presentes na persona do pai pós-moderno e, do mesmo modo, se os aspectos da sombra do pai da pós-modernidade estavam na persona do pai moderno.

Nossa investigação também será guiada pela pertinência da hipótese de que exista um novo símbolo do masculino, representante deste novo modelo de pai pós-moderno. A favor desta hipótese, apontamos a ideia da existência de muitos arquétipos que são representantes de cada uma das situações típicas da vida humana e que emergiram paulatinamente desde os primórdios da humanidade. Assim, a realidade de um novo homem/pai – expressão aplicada por muitos estudiosos na atualidade – poderia ser considerada uma situação diferenciada vigente na época atual, passando assim à condição de representante de um novo símbolo masculino.

Os arquétipos são concebidos como imutáveis em sua essência, apresentando alterações apenas na forma em que se manifestam e pela qual podem ser percebidos em cada período histórico. Como todos os arquétipos agem sobre todos os homens, poderíamos apostar em uma maior atuação da anima nestes homens. Para o sucesso de uma nova identidade masculina, seria necessária a integração de aspectos da anima – parte feminina inconsciente do homem – à sua personalidade consciente. Esta maior integração dos homens com sua anima possibilitaria novas formas de se elaborar as questões referentes ao ser homem e pai na atualidade.

Além disso, procuraremos circunscrever quais aspectos inconscientes da alma são descobertos e integrados pelos homens da era atual, que parecem possuir maior capacidade de lidar com seu lado feminino e criativo. Veremos como os novos papéis parentais se transformam com as mudanças sociais ocorridas no mundo ocidental. Procuramos, por fim, verificar os elos existentes entre as manifestações atuais da paternidade, as construções das identidades masculinas e os arquétipos com seus aspectos mitológicos. Acreditamos que esta trajetória, uma vez tecida, possibilite uma maior apreensão crítica destes temas na atualidade a partir de suas origens até os novos papéis vivenciados pelos homens de hoje.

No capítulo inicial, nos dedicaremos a um breve histórico, recortando algumas das principais contribuições da Psicologia Analítica que servem de base para entendermos as transformações do lugar do pai entre a modernidade e a pós-modernidade. Nesta revisão conceitual, focaremos principalmente o que se entende por complexo, arquétipo, símbolo e por processo de individuação. Pretendemos, portanto, fornecer subsídios para melhor compreendermos o arquétipo do pai e sua manifestação na atualidade.

No capítulo seguinte, apresentaremos e aprofundaremos alguns entendimentos acerca do arquétipo do pai. Além da proposta dos arquétipos masculinos formuladas por Jung, mostraremos ainda outras vias de compreensão destes arquétipos na visão de alguns autores pós-junguianos.

No capítulo “A paternidade em transformação”, exploraremos as mudanças pelas quais vem passando a paternidade desde o seu surgimento. Como vimos, a ideia de pai já existia de forma inconsciente antes do entendimento da paternidade física. O funcionamento de uma ordem patriarcal desde a Antiguidade pode nos guiar nesta direção. Buscamos apresentar de forma sintética os entendimentos possíveis acerca do masculino e do feminino, bem como do patriarcado e do matriarcado, pois estes são conceitos fundamentais para nosso tema de estudo. Compreendemos a paternidade como um dos aspectos da masculinidade. A paternidade é uma atribuição específica do homem, enquanto a maternidade é específica da mulher. Já as funções paterna e materna estão sujeitas a certo grau de maleabilidade, podendo ser exercidas por ambos os sexos.

Ainda neste capítulo, utilizaremos as explicações fornecidas por algumas mitologias para ilustrar as diferenças entre masculino e feminino e sua gênese.

Destacaremos a importância dos ritos de passagem, em especial os que fazem referência à entrada do menino na idade adulta e à sua constituição e aceitação como homem pelo coletivo. Colocaremos em evidência, por fim, uma série de ritos a que se submetem os homens que estão prestes a se tornarem pais em culturas variadas.

No último capítulo, apresentaremos um breve histórico sobre a modernidade e as principais transformações sociais que se iniciam neste período, e buscamos demarcar como eram as características da família e do homem. Na passagem para a pós-modernidade, apontaremos a emergência de uma crise dos papéis masculinos e destacamos as mudanças que esta época trouxe para os homens. Daremos ênfase também aos novos arranjos familiares que passam a se constituir a partir de então. Ocorre uma relativização dos arquétipos masculinos na cultura atual. E a atuação deste é fundamental para a formação do ser humano, podendo causar prejuízos quando não vivenciado durante o desenvolvimento. Abordaremos, por fim, a pertinência da proposta de um “novo pai”.